

ADOCIMENTO E MORTE EM LIVROS INFANTIS SOBRE A COVID-19

ILLNESS AND DEATH IN CHILDREN'S BOOKS ABOUT COVID-19

ENFERMEDAD Y MUERTE EN LOS LIBROS INFANTILES SOBRE EL COVID-19

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
rosamhs@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5797-6627>

MELO, Camila Alves de
UFG – Universidade Federal de Goiás
camila.melo@ufg.br
<https://orcid.org/0000-0001-6160-4797>

RESUMO

A pandemia de covid-19 foi bastante tematizada em livros para crianças, alguns utilizando elementos ficcionais ou literários. Inspiradas em estudos sobre doença e morte na literatura infantojuvenil (LIJ), reunimos 50 obras infantis sobre a pandemia para analisar na forma verbal e imagética como emergem os temas fraturantes do adoecimento e da morte. Revelou-se a escassez de referências ao tema ou a presença de menções generalizantes. Em poucas obras, um personagem adocece e, somente em uma, há uma exploração mais detida da morte de um familiar. Em apenas 9 obras há imagens que remetem ao adoecimento, com a representação do doente na 'cama hospitalar'. Observou-se a tendência de 'esconder' aspectos espinhosos do adoecimento, como já apontado em outros estudos sobre doença na LIJ, assim como se verificou a ausência de recursos metafóricos ou alegóricos para sua abordagem.

Palavras-chave: representação de morte; representação de doença; covid-19; temas fraturantes.

ABSTRACT

The covid-19 pandemic was widely discussed in books for children, some using fictional or literary elements. Inspired by studies on illness and death in children's and young adult literature, we gathered 50 children's books about the pandemic to analyze the verbal and imagery way in which the fracturing themes of illness and death emerge. The scarcity of references to the topic or the presence of generalizing mentions was revealed. In a few works, a character falls ill and, only in one, there is a more detailed exploration of the death of a family member. In only 9 works there are images that refer to illness, with the representation of the patient in the 'hospital bed'. A tendency to 'hide' thorny aspects of illness was observed, as already pointed out in other studies on illness in children's and young adult literature, as well as the absence of metaphorical or allegorical resources for its approach.

Keywords: representation of death; representation of illness; covid-19; fracturing themes.

RESUMEN

La pandemia de covid-19 fue ampliamente discutida en libros para niños, algunos utilizando elementos ficticios o literarios. Inspirándonos en los estudios sobre la enfermedad y la muerte en la literatura infantil y juvenil (LIJ), reunimos 50 obras infantiles sobre la pandemia para analizar la forma verbal e imaginativa en que emergen los temas fracturantes de la enfermedad y la muerte. Se reveló la escasez de referencias al tema o la presencia de menciones generalizadoras. En unas pocas obras un personaje enferma y, en sólo una, se explora más detalladamente la muerte de un familiar. En sólo 9 obras hay imágenes que hacen referencia a la enfermedad, con la representación del paciente en la ‘cama de hospital’. Se observó una tendencia a “ocultar” aspectos espinosos de la enfermedad, como ya señalaron otros estudios sobre la enfermedad en LIJ, así como la ausencia de recursos metafóricos o alegóricos para su abordaje.

Palabras clave: representación de la muerte; representación de la enfermedad; covid-19; temas fracturantes.

1 PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Como afirma Moura (2023, p. 13-14), em seu estudo sobre a linguagem usada para falar da pandemia, especialmente no Brasil, “a covid-19 foi um terremoto em nossas vidas”, “um evento difícil de entender e carregado de forte carga emocional”. Certamente, nenhum/a de nós deixou de ser afetado por tal evento, pelas medidas de afastamento social, pelo fechamento da grande maioria das instituições de diferentes campos, pela instabilidade econômica decorrente e, principalmente, pelo temor da própria doença – então desconhecida – que vitimou milhões de pessoas em todos os continentes e cuja letalidade só veio a diminuir quando as vacinas foram produzidas e começaram a ser aplicadas. Efetivamente, todas as áreas das atividades humanas foram impactadas pela pandemia, de uma ou outra forma, incluindo o âmbito da produção cultural e as instâncias formativas e informativas nela inseridas. E é para a esfera daquelas obras escritas e ilustradas endereçadas às crianças e que tematizaram a própria covid-19, produzidas em diferentes momentos da pandemia, que se volta nosso olhar neste artigo, considerando a expressividade numérica da produção de títulos e alguns indícios de sua circulação.

Por outro lado, para a realização do estudo, também articulamos interesses prévios pela análise e produção bibliográfica sobre os chamados “temas fraturantes” ou “temas-tabu”, “sensíveis” ou “delicados” nos livros literários, campo de pesquisa

que se tem expandido nos últimos anos. Diferença e preconceito, pobreza, guerra, migrações, abuso sexual, variedade de configurações familiares, doença e morte, entre vários outros menos frequentes, são temas que têm adentrado os livros para crianças – às vezes com abordagens diversas das tradicionais, mas frequentemente tingidos por um indisfarçável matiz informativo e formativo.

Dada a convergência entre os dois interesses – a produção de livros para crianças sobre o tema pandemia da covid-19 e a presença de temas sensíveis como a morte e a doença neles – estabelecemos como objetivo do presente estudo analisar os temas do adoecimento, do sofrimento e morte associados à covid-19 num conjunto de 50 livros verbo-visuais para crianças, que, adotando elementos ficcionais, tematizam de alguma forma a pandemia.

A motivação para pesquisar os livros infantis sobre a covid-19 partiu de uma outra investigação, relacionada à literatura nos anos iniciais do ensino fundamental durante a pandemia¹. Ao observar os dados de uma rede de ensino pública, percebemos que várias professoras e mediadoras de leitura selecionaram, com frequência, obras que tematizavam a covid-19, em especial as gratuitas e disponibilizadas na *internet*, para trabalhar com os estudantes. Foi assim que partimos em busca da composição de um acervo de tais obras.

Para o desenvolvimento do artigo, ele está organizado nas seguintes seções: uma breve retomada da presença dos temas da morte e doença nos livros para crianças; caracterização do corpus com o qual trabalhamos e dos procedimentos investigativos realizados; resultados da análise e sua discussão; considerações finais.

2 TEMAS DIFÍCEIS EM LIVROS PARA CRIANÇAS: A MORTE E A DOENÇA

Em relação à presença do tema da morte na literatura voltada para as crianças, existem já vários panoramas históricos amplos, como o de Diaz (1996), que aponta como a morte já estava presente nos Contos de Fadas, frequentemente associada à

¹ Pesquisa interinstitucional coordenada por Marly Amarilha e Elisa Maria Dalla-Bona. Os resultados dessa pesquisa estão disponíveis no *e-book*: AMARILHA, Marly; DALLA-BONA, Elisa Maria (org.). **Literatura nos anos iniciais do ensino fundamental durante a pandemia da COVID-19**. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/49458>. Acesso em: 4 mar. 2024.

dimensão do horror ou como um elemento de advertência para a formação infantil. Diaz também cita a vertente que ele denomina de “morte lacrimante”, bastante frequente nas tendências realistas do final do século XIX, como é o caso do conhecido conto *A pequena vendedora de fósforos*, de Hans Christian Andersen. O autor ainda explora o que seria “A morte enganada” – variante desenvolvida a partir de contos de tradição oral (o que ocorreu também no Brasil, conforme se pode constatar em obra de Ricardo Azevedo, analisada em Moreira, 2024) – trazendo episódios cheios de humor em que tipos populares escapam da morte, personagem concreta, através de artimanhas astuciosas, comprovando a presença da personagem em contos que também alcançavam o destinatário infantil. Entretanto, a partir da urbanização e de modos de vida mais individualistas e menos comunitários, assim como do fenômeno de afastamento da morte para os hospitais, longe dos olhares da sociedade, aliados a uma concepção de infância como fase da vida a ser protegida de vivências traumáticas, a presença da morte nos livros para crianças foi mudando de frequência e forma.

Assim, Diaz (1996, p. 9) escrevia, ainda no século passado: “A morte foi na literatura infantil a grande ausente, a evitada, a disfarçada”, em premissa que encontra ecos – com nuances – em outros trabalhos, como Silveira e Dalla Zen (2013), Kirchof e Silveira (2018) e Paiva (2008). Por outro lado, se, em anos mais recentes, a morte voltou a ter uma presença mais significativa nos livros para crianças, tal presença se deu sobretudo por narrativas que trazem a morte dos avós (uma espécie de metonímia para “velhos” que traria mais familiaridade às crianças), como é constatado em vários estudos como os de Diaz (1996), Mendes (2013), Silveira e Dalla Zen (2013), Paiva (2008), entre outros. Dentro dessa tendência, a morte é apresentada, via de regra, como um momento esperado do ciclo da vida: “é a inevitável consequência do desgaste do corpo quando envelhece” (Diaz, 1996, p. 8).

Já em relação à abordagem, na literatura e em outras produções culturais, do tema da doença, são clássicos os estudos de Sontag (2007) sobre a forma com que as metáforas recobriram e recobrem os significados de doenças como a tuberculose, o câncer e a AIDS. Uma dessas metáforas – a da guerra - será largamente usada para caracterizar a pandemia da covid-19 no discurso da mídia, conforme demonstra Moura (2023), e, como adiante brevemente abordaremos, também nos livros para crianças

sobre a pandemia. Por outro lado, deve-se reconhecer que a temática da doença – quando não associada às chamadas “deficiências cognitivas e físicas” – está pouco presente nos livros para crianças, ao contrário da tendência denominada *sicklit* – “literatura juvenil cujas narrativas contam com um ou mais protagonistas com doenças graves, o que enseja a inserção de reflexões sobre a vida e a morte.” (Silveira; Silveira, 2019, p. 109) com outros destinatários. Dowker (2013), em raro estudo que abrange doenças “incuráveis” e deficiências em livros para crianças do século XIX e XX, mostra a frequente associação da doença à dimensão moral e ao fortalecimento do caráter, em especial em livros infantis do século XIX, numa tendência que será esmaecida no século XX. É interessante ressaltar que, se se reconhece que “Falar de doenças em nossa sociedade parece não ser algo muito bem aceito” (Silveira; Silveira, 2019, p. 109), dada a valorização atual do corpo saudável e uma certa concepção de que todos somos responsáveis pela nossa saúde (e pelas doenças que contraímos ou desenvolvemos), a pandemia da covid-19 veio de certa forma pôr em xeque tal concepção e, no que diz respeito a livros para crianças, provocar uma autêntica explosão editorial de obras; e é sobre um conjunto numericamente significativo de tais obras, descritas na próxima seção, que lançaremos nosso olhar analítico.

3 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

O processo de composição do corpus analítico (Apêndice A) se deu por meio de pesquisa em um buscador padrão, utilizando termos como: “coronavírus” ou “covid-19” ou “pandemia” e “livro infantil”, sem pretensão de exaustão. Adicionalmente, também buscamos por títulos associados ao tema em livrarias virtuais e físicas. A partir dos resultados obtidos, a seleção das obras seguiu o critério de análise de pertinência, descartando-se os livros puramente informativos, que não utilizassem nenhum recurso ficcional (personagens, fórmula ‘Era uma vez’ etc.).

Tais livros foram produzidos primordialmente com o objetivo de informar acerca da pandemia e recomendar comportamentos adequados à situação pandêmica. Na maioria, são obras que reúnem características de livros informativos e alguns traços da literatura para crianças – ficcionalização de situações, exploração de recursos de linguagem, eventualmente.

Quanto ao período de publicação, o acervo conta com obras produzidas entre 2020 e 2022, sendo algumas obtidas de forma gratuita na internet e outras mediante pagamento em livrarias virtuais e físicas, com valores entre R\$: 4,00 e R\$: 61,60 (consulta realizada em maio de 2022). Há mais livros em formato digital do que impresso, e há ainda um menor número de livros com edições nos dois formatos.

Quanto aos países de origem, temos obras do Brasil, de Portugal, dos Estados Unidos, da Argentina, da Colômbia e da Espanha. O idioma das obras selecionadas foi o Português; assim, algumas obras são traduções. Há uma obra com apresentação plurilíngue, em português, inglês e francês (*Corona – esse vírus usa coroa, mas não é rei*).

Sobre os autores, a ampla maioria é adulto, mas também há crianças envolvidas, como é o caso de três obras: (1) *Catarina e o Coronavírus*, (2) *A menina que engoliu o sorriso* e (3) *Fora, coronavírus – pequenos escritores combatendo o vírus malvado*. É importante salientar que a produção partiu não só de autores com larga experiência no campo da literatura infantil – a exemplo de Adriana Falcão (*Uma página no mundo*), mas, em sua maioria, as obras foram escritas principalmente por pessoas sem experiência prévia na produção literária (professoras, psicopedagoga, médico, terapeuta etc.). As edições, muitas vezes caseiras, demonstram que várias pessoas se autorizaram a escrever para crianças durante a pandemia.

Várias instituições estiveram envolvidas com a produção de tais obras: universidades brasileiras (Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade Federal do Rio Grande) e estrangeiras (Universidade de Lisboa); instituições relacionadas à saúde: Direção-Geral de Saúde (Portugal); Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS); Salud Mental Perinatal (Argentina) e Grupo de Referência sobre Saúde Mental e Apoio Psicossocial em Emergências Humanitárias do Comitê Permanente Interagências (IASC GR SMAPS); municípios: Câmara Municipal de Contagem (Minas Gerais); instituições relacionadas à área da contabilidade: Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL) e pela Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC).

Constituído o corpus analítico, procedemos à leitura cuidadosa das obras, atentando simultaneamente para o texto verbal e para as imagens, assim como para



a interrelação entre ambos. Tal investimento nos permitiu a elaboração das análises a seguir apresentadas.

4 ANÁLISES – SILÊNCIOS E ALUSÕES GERAIS

Inicialmente, tínhamos a expectativa de que – em se tratando de obras que, em sua maioria, foram escritas e publicadas no ‘calor’ da pandemia, com um intuito quase generalizado de informar e alertar os pequenos leitores sobre riscos e cuidados – a menção à morte e ao adoecimento pela moléstia tivesse nelas uma presença expressiva. Para verificar essa hipótese, inicialmente identificamos a eventual existência de referências ao sofrimento e morte nas obras e, posteriormente, nas obras que as continham, analisamos as formas dessa presença.

Nossa primeira constatação foi de que 18 dos 50 livros não traziam qualquer menção a adoecimento e morte, seja no texto visual ou no texto verbal, e nem qualquer referência a personagem doente. Neles, a ênfase frequentemente recaía na guerra (metáfora bélica) contra o “monstro”, o “bichinho”, “o grande vírus”, “o vírus inimigo”, que permeia a trama de muitos dos livros infantis sobre covid-19, como em *O monstro invisível*, *Ele não era meu amigo* e *O inimigo invisível*. Algumas das consequências sociais das medidas de prevenção à pandemia, como o isolamento e o confinamento, constituem o tema central de outros livros, como *Confinamento*, *Dentro de casa* e *A lagarta Violeta*; dentro desse quadro mais geral do confinamento, a relevância das janelas – como canal de contato com o mundo externo – é tematizada em outras obras, como *O mundo pela janela* e *Noah Henry – uma história de arco-íris*. As máscaras – mecanismo de proteção que se generalizou durante a pandemia – também representaram fonte de inspiração para algumas obras infantis, como *A aula de costura*, *Máscaras* e *Bibi fica esquisita*, esta última uma das poucas obras para crianças pequenas, sobre a pandemia, que lança mão do humor (trata-se de uma porquinha, Bibi, que não sabe como usar a máscara e a coloca em diferentes partes do corpo). Todos os livros anteriormente citados, ao lado de alguns outros, não contêm de forma explícita referência a adoecimento e morte por covid-19.

Outras obras, entretanto, em número ligeiramente superior – 22 – trazem menções gerais aos riscos de adoecimento e morte pela covid-19, ora na voz do

narrador onisciente (com teor diretamente informativo), ora de uma personagem que ‘ensina’, esclarece, como a mãe, a professora, uma criança ou..., mesmo, o próprio vírus! Vejamos alguns exemplos:

Em *A minha mãe é médica e já tenho saudades dela*, livro de edição lusa, que se popularizou em formato *pdf* na *internet* e cujo título é bastante autoexplicativo, a menina narradora em 1ª pessoa, ao detalhar o progressivo envolvimento da mãe com o atendimento aos pacientes, refere: “O pior é que depois destes dias em que entrava e saía apressada, o número de doentes no hospital começou a aumentar muito e a minha mãe achou melhor nem sequer vir a casa.” (*A minha mãe é médica e já tenho saudades dela*, p. 27).

Já em *Uma página do mundo*, livro que se destaca da maioria das obras pelo investimento da autora na linguagem poética, assim como pela originalidade do enfoque – o contraste entre o mundo visualizado no confinamento da pandemia (janela, livros...) e as experiências reais pós-pandemia –, o narrador onisciente, lançando mão de uma linguagem voltada para crianças, descreve: “Porque, no por aí daquele tempo, um bicho tão pequeno, que nem dava para se ver, vivia pelos ares atrás de pessoas.// E adoecia algumas, e levava outras, e era ruim.” (p. 9). Em outras obras, como em *O vírus malvadão e as crianças poderosas* (outra obra que atualiza a metáfora bélica), há referências mais específicas a manifestações corporais da contaminação pela covid-19: “Acontece que um dia a cidade ficou estranha: todos começaram a espirrar! Algumas pessoas tinham febre, outras começaram a tossir, outras mal conseguiam respirar...” (p. 5). Em outros livros, ainda, há uma referência genérica ao risco de morte: “Era um tal de coronavírus, um bichinho bem pequenininho que não conseguíamos ver, ele estava deixando as pessoas doentes e até as matando” (*Um ano estranho*, p. 7).

Já em *Coronabook*, obra em que os autores (alunos universitários de Biomedicina) concedem o protagonismo ao próprio vírus, que conta sua história, podemos ler: “Quando venho de visita, trago... febre, falta de ar, tosse. Mas logo vou embora e quase todas as pessoas se sentem melhor.” (p. 8). Também em outro livro, *Corona, o vírus que pega carona*, a voz narrativa é do próprio vírus, bem mais ‘erudito’ do que o do livro anterior e... mais impiedoso: “Nós sabemos disfarçar bem, causamos infecções respiratórias que duram pouco tempo. [...] Agora, não perdemos a chance

de causar uma pneumonia, principalmente em pessoas idosas. Elas são mais frágeis, muitas têm pulmões fracos e costumam morrer quando agimos. [...] Mas não fazemos isso só com os idosos, qualquer pessoa pode morrer com nossa ação. (...) Como eu disse, somos cruéis, podemos causar a morte sem qualquer remorso.” (p. 15-16).

Exemplificado o conjunto de obras em que há menção a risco de adoecimento ou adoecimento e morte de forma genérica, não se corporificando em personagens, passemos àquelas obras em que é narrado o adoecimento de um personagem específico.

4.1 Quem e como se adoecede de covid-19 nos livros para crianças?

Em nossa análise, observamos que o adoecimento (e, mesmo, a morte) por covid-19 de um personagem específico ocorre relativamente pouco nas tramas das obras. Em apenas 8 das 50 obras, uma personagem específica adocece.

Em *A minha avó tem coronavírus*, livro publicado em Portugal em 2020 pela Direção Geral de Saúde do país, então francamente posicionada no reconhecimento e enfrentamento da pandemia, o tema central é o adoecimento da avó do narrador infantil, pela covid-19. Com diálogos abundantes e bem urdidos, logo na abertura da obra é apontado o nó narrativo: “Há umas semanas, ouvi a minha mãe dizer ao meu pai que a avó tinha o novo coronavírus.” (p. 2)

A avó, caracterizada como negra nas ilustrações, é uma mulher bem-informada, ativa, viajante e decidida, que se afasta da família para evitar contaminação e decide se dirigir ao hospital, onde se confirma a doença. A doença se agrava e a família se preocupa: “A verdade é que os dias seguintes foram muito complicados para todos... A avó esteve internada 20 dias porque teve dificuldades respiratórias. Imagino que se tenha sentido bastante sozinha e triste por estar doente. Talvez até zangada com o tal vírus que apareceu sem ser convidado” (p. 24-25). Entretanto, a avó se recupera e volta para a casa, esboçando o final feliz; nas palavras do pequeno narrador, “O certo é que os dias foram passando e a avó foi melhorando. Felizmente correu tudo bem! Demorou, é verdade, mas tal como ela costuma dizer, «devemos praticar a paciência...!». Ui, ui, desta vez praticámos imenso!” (p. 30-31). Com um projeto gráfico que foge à fórmula tradicional de distribuição e formato de



texto verbal e ilustrações, a obra traz uma história ficcional de contornos realistas, em que se observa preocupação com a verossimilhança do enredo (o que, diga-se de passagem, não se constata em muitos livros da amostra). Interessante observar, ainda, que este é um dos dois únicos casos, entre as obras, em que a personagem doente fala sobre a própria doença.

Outro exemplo de obra em que se narra o adoecimento de uma personagem, embora não constitua o eixo organizador da história, é *A esperança contra o Coronavírus – A menina do violino azul*, obra patrocinada pela Prefeitura Municipal de Uberaba. Trata-se de livro pleno de fantasia, em que o autor brasileiro, desenhista Gilberto Lacerda, procura congrega vários temas – turismo em Uberaba, deficiência física (a menina protagonista, Nanda, é cadeirante), patrimônio cultural, atração infantil por dinossauros, Geopark, espiritismo, Chico Xavier, escolas de samba cariocas e covid-19. A articulação entre temas tão diversos soa um tanto artificial, por vezes, minando a verossimilhança da obra. Quem está doente é a mãe da pequena protagonista – que fica hospitalizada, na UTI, no Rio de Janeiro, e é visitada, de maneira fantasiosa, pela filha, que toca no violino músicas específicas. Além das ilustrações, as referências textuais também informam: “Sua mãe pegou o tal vírus de nome estranho: Coronavírus” (s. p.) e “Ela segue na UTI, respirando com a ajuda de aparelhos.” (s. p.). Efetivamente, não há um desfecho claro quanto à doença, mas a sugestão de que tudo vai ficar bem, em palavras sussurradas à menina pela figura evanescente de Chico Xavier, ao seu lado. Observe-se que, conforme informações do site da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (www.uftm.edu.br), a obra foi lançada em maio de 2020, o que caracteriza, no Brasil, um momento bastante inicial da pandemia, embora já haja, no livro, as recomendações de afastamento social, uso de máscara e álcool em gel.

Além das duas obras acima citadas, outras referem, mas em plano secundário, como uma forma de exemplificação, o adoecimento de personagens. Em três delas – *Por que eu não posso ir lá fora?*, *Shen, Vidinho e o vírus* e *Beto e o monstro chamado Corona* – as rápidas menções são a avós doentes e/ou hospitalizados. Já em *A Joaquina e a covid-19: uma história de saúde pública para crianças*, livro com forte teor informativo e didático, há uma breve referência ao pai de uma amiga da protagonista Joaquina, que ficara doente, em casa, e, em uma semana, curou-se.

Em obra que foge bastante à proposta dos demais livros, denominada *Fora, coronavírus – pequenos escritores combatendo o vírus malvado* (Figura 1), temos uma coletânea de 22 textos de crianças brasileiras de 4 a 12 anos, que participam do projeto ‘Um escritor lá em casa’. De todos os textos, também ilustrados pelas próprias crianças, em apenas dois há menção à morte de pessoa próxima, causada pela covid-19. Em um texto, há a seguinte referência: “Meu pai perdeu um grande amigo, e esse dia foi muito triste aqui em casa” (p. 21). Já em outro, de uma menina de sete anos, possivelmente transcrito da oralidade, pode-se ler: “Ele [o vírus] tem um grande poder de deixar as pessoas tristes e matá-las. Na minha casa esse vírus deixou minha mãe muito triste, ele matou a minha avó. Ela era uma pessoa muito importante para mim e eu a amava muito. O vírus mau fez com que a minha mãe chorasse muito e deixou meu vovô triste.” (p. 51).

Figura 1 – Livro *Fora, coronavírus – pequenos escritores combatendo o vírus malvado*



Fonte: Conovalov *et al.*, 2020.

Observa-se, pois, nesse conjunto de livros em que se faz referência a algum personagem que contrai covid-19, a predominância de avós, pessoas mais idosas, que efetivamente constituíram o maior contingente de atingidos pela pandemia, não só no Brasil, mas em todo o mundo.



4.2 Um livro sobre a morte por covid-19

Figura 2 – Livro *Vovó cadê você?*



Fonte: Silva, 2022.

Vovó cadê você? (sic) (Figura 2), de autoria da pedagoga Patrícia Cavazzana da Silva com ilustrações de Carol MRMO, publicado em 2022, é o único livro do acervo que toma como tema central a morte de um personagem identificado, inclusive com nome. Trata-se da avó da narradora em 1ª. pessoa, que assim se apresenta “Meu nome é Valentina, tenho sete anos e hoje vou falar da minha vovó Rosana.” (s. p.). Em 20 páginas de texto escrito e ilustrações – de caráter descritivo em relação à trama, a narradora inicialmente relembra o convívio prazeroso com a avó, as atividades que faziam juntas, até anunciar a mudança provocada pelo aparecimento da covid-19: “Eu e vovó éramos muito amigas e felizes, mas tudo mudou um dia. A mamãe e o papai bem preocupados me disseram que havia um vírus no mundo que nos deixava doentes.” (s. p.). A partir desse momento da narração, de forma verossímil, a pequena narradora refere cuidados e mudanças na dinâmica familiar e social, em função da pandemia, “até que um dia esse vírus entrou na nossa casa.” (s. p.) O adoecimento da avó, seu afastamento e as comunicações apenas por celular, a hospitalização, a piora do seu quadro clínico vão sendo narrados pela voz da narradora infantil:

Quando eu estava com saude, conversava com ela pelo celular e eu adorava gravar áudios.
- Oi, vovó? Você está melhor?
Ela dizia:
- Estou sim, fofa!



Mas a vovó piorou muito e como os remédios não resolviam, a mamãe falou para ela ir ao hospital. (s. p.)

Há, na sequência, referência a respirador (“a máquina ajudava ela a respirar, pois ela estava mesmo muito doente”), possivelmente a coma induzido (“O papai me explicou que a vovó estava dormindo para se recuperar e só ia acordar na hora de ir para casa” (s. p.), até o desfecho da morte: “Só que a minha vovó nunca mais acordou. Dias depois, uma pessoa que trabalhava no hospital ligou para mamãe e falou que a vovó tinha ido embora para sempre” (s. p.).

A tristeza – presentificada nas lágrimas do pai, da mãe e do avô (Figura 3) não é escamoteada na obra; já nas duas páginas finais, lê-se o relato da aceitação da morte da avó pela narradora infantil, através de um sonho em que a avó aparece e anuncia à netinha: “Estou dentro do seu coração, linda!” (s. p.). Há, assim, uma ênfase à permanência da avó através das memórias que deixou.

Figura 3 – Livro *Vovó cadê você?*



Fonte: Silva, 2022.

É interessante observar que a obra foi publicada após o ápice da pandemia no mundo e num momento em que a vacinação se expandia e os índices de mortalidade diminuam; ou seja: é possível que a época da publicação, já em 2022, fosse mais propícia à aceitação de obras com esse teor.

Por outro lado, é evidente a filiação da obra a uma vertente de livros infantis das últimas décadas, em que se sublinha a relação positiva entre a personagem criança e o/a avô/avó que morreu, através das lembranças dos bons momentos partilhados em vida. Assim, Mendes (2013), ao analisar 3 livros-álbum publicados em Portugal sobre a morte de avós, registra como, em dois deles, o eixo temático são “a morte e a saudade’ que torna presente o familiar perdido. Também Silveira e Dalla Zen (2013), em análise de 14 títulos de autores brasileiros sobre o tema “morte dos avós”, publicados majoritariamente na década de 2000, registram que “o que está presente em todos os livros abordados é a focalização da relação entre vó e neto”. E acrescentam que essa “relação é sempre de companheirismo, alegria, compreensão e, até, ternura”. (p. 148). Já Diaz (1996), retomando estudo de Sadler sobre a morte dos avós em livros infantis anteriores a 1992, afirma que o autor assinala quatro

aspectos desenvolvidos nesses livros, curiosamente presentes também em “Vovó cadê você”: “1. A relação entre o neto e o avô; 2. A doença do avô; 3. A morte do avô; 4. A dor e a recuperação da criança.” (Diaz, 1996, p. 8).

4.3 E no diálogo entre texto e ilustração, como aparecem o adoecimento e a morte?

Para respondermos a essa pergunta, retomaremos brevemente a distinção feita por Evans (2015) em relação a dois modelos de representação visual nos livros-álbum: narrativas visuais literais (que a autora associa à denotação) e simbólicas (que utilizam processos conotativos). Conforme a autora (2015, p. 122, tradução nossa): “[...] no primeiro modo, o artista ilustra o texto usando imagens que são uma imitação direta da realidade do ‘texto’, enquanto no segundo modo, o artista usa metáforas e símiles para ilustrar o texto, introduzindo assim um significado adicional, mas implícito”².

Devido às características das obras do acervo, há uma grande predominância de ilustrações “literais”, fortemente ligadas à descrição do que informa o texto verbal. Em algumas, é preciso apontar, há uma certa complementaridade (como em *Bibi fica esquisita*, *O dia em que o mundo parou*), ou a utilização de recursos das HQs (balões de falas e de pensamento, linhas cinéticas indicando movimentos, p.ex., como em *As aventuras de Quarentino*), assim como uma representação antropomorfizada do coronavírus, como em *Amanda no país do isolamento* e *Corona, o vírus que pega carona*.

Pois bem: apesar dessa ênfase mais descritiva nas ilustrações – aliás, abundantes em todas as obras – nas quais temos cenas familiares, escolares, cenas de isolamento, representações imaginárias de luta entre super-heróis e o vírus, apenas em 9 obras encontramos imagens que remetem ao adoecimento. Trata-se tanto de obras em que se narra o adoecimento de um personagem específico, quanto de obras em que há referências mais genéricas às consequências da pandemia.

² No original: “in the first mode the artist illustrates the text using images which are a direct imitation of the ‘text’ reality, while in the second mode the artist use metaphors and similes to illustrate the text, thereby introducing additional but implied meaning”.

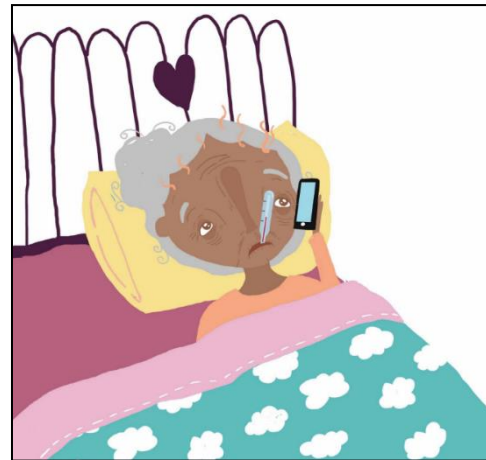
No primeiro caso, temos: *Minha avó tem coronavírus* e *A esperança contra o Coronavírus – A menina do violino azul*, enquanto no segundo temos livros como *A minha mãe é médica e já tenho saudades dela*, todos já descritos anteriormente. É importante pontuar que as duas obras em que há referência à morte de personagens concretos não trazem ilustrações do adoecimento e/ou da morte.

Figura 4 – Livro *A esperança contra o Coronavírus – A menina do violino azul*



Fonte: Lacerda, entre 2020 e 2021.

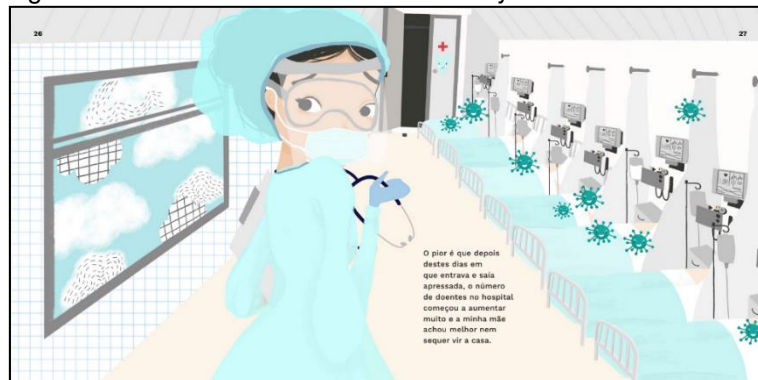
Figura 5 – Livro *A minha avó tem coronavírus*



Fonte: Amorim, Correia e Correia, 2020.

Há, como apontamos, algumas ilustrações de doentes em hospitais, em livros que não relatam o adoecimento de um personagem específico. No primeiro caso abaixo, em que o texto é bastante direto sobre os riscos de morte pela doença, reproduz-se, inclusive, o que pode ser entendido como uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) plena de doentes, tendo à frente uma profissional de saúde, e várias representações imaginárias do vírus por entre as camas e pacientes (Figura 6).

Figura 6 – Livro *A minha mãe é médica e já tenho saudades dela*



Fonte: Amorim e Correia, 2020.

Já nas figuras 7, 8 e 9, temos a representação de doentes – dois deles com características de personagens idosos – sendo tratados em camas hospitalares.

Figura 7 – Livro *As aventuras de Quarentino*



Fonte: Evangelista, 2020.

Figura 8 – Livro *Valentina na pandemia*



Fonte: Bica, 2020.

Figura 9 – Livro *Sofia e Otto Somos Heróis*



Fonte: Leite, 2020.

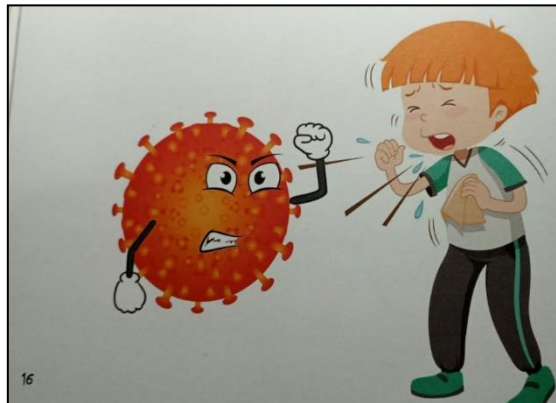
Para além das imagens acima, em que os doentes estão hospitalizados, há outras imagens em que os doentes são representados de forma mais “leve”, como afetados apenas por sintomas gripais (Figuras 10 e 11):

Figura 10 – Livro *O vírus malvadão e as crianças poderosas*



Fonte: Campos, 2020.

Figura 11 – *Corona, o vírus que pega carona*



Fonte: Trambaiolli Neto, 2020.

Interessante observar que, como a covid-19 não deixava um sinal corporal inequívoco e generalizado nas pessoas contaminadas (o que, em outras doenças, acontecia/acontece), a representação imagética dos doentes precisou se valer tanto de sinais externos de cuidados médicos e de enfermagem – o termômetro, o soro, a máscara de oxigênio, quanto de imagens de espirros e certa expressão de sofrimento em alguns pacientes. O marcador mais frequente, entretanto, consistiu na utilização da representação da cama – majoritariamente, a hospitalar – como sinal do sofrimento e da debilidade dos doentes.

5 PALAVRAS FINAIS

Ao finalizarmos este estudo, julgamos necessário retomar o objetivo que o norteou. A partir de um duplo interesse – pela proliferação de livros para crianças sobre a covid-19, publicados a partir de 2020, por um lado, e, por outro, pela forma com que os temas fraturantes “doença” e “morte” são abordados em livros infantis – propusemo-nos investigar estas obras para rastrear a efetiva presença desses temas (considerando a íntima relação entre pandemia, adoecimento e morte), e, no caso positivo, analisar a forma com que eles aparecem, tanto no texto, quanto nas ilustrações.

Para tanto, nos debruçamos sobre um conjunto de 50 obras, impressas ou virtuais que circularam no Brasil e, de maneira geral, observamos nelas uma tendência em ‘esconder’ aspectos delicados e espinhosos do adoecimento pela covid-19, ou pelo silenciamento do próprio evento ‘morte’, ou pelas menções genéricas à doença e a óbitos. O confinamento, as medidas de prevenção, as soluções familiares, escolares e institucionais encontradas para dar andamento à vida em seus múltiplos aspectos e a necessidade de se adaptar a elas povoam um grande número de páginas das obras publicadas. Poucas foram as obras em que personagens efetivamente adoeceram e a menção a esse adoecimento, na maioria desses casos, é breve e termina pelo alívio da cura (de avós, majoritariamente). O adoecimento e a morte de um personagem (a avó, no caso) só são explorados em livro publicado já em 2022, alinhando-se a uma vertente de abordagem fecunda na literatura infantil, que focaliza as memórias boas da convivência entre avô/avó falecido e o personagem infantil. Tal tendência para ocultar dimensões dolorosas e, mesmo, cotidianas, do adoecimento e da morte – mesmo em livros que se inspiraram numa temática que, em tese, ensejaria tal abordagem, pode ser aproximada das conclusões de outros estudos sobre doença e morte na literatura infantil, como Diaz (1996) e Silveira e Dalla Zen (2013), entre outros.

Neste momento, também é útil retomar brevemente algumas características dominantes no nosso acervo. Assim, produzidas sob o signo da emergência da pandemia, com grande número de autores/as distantes do campo da escrita para a infância, a maioria das obras analisadas – embora lançando mão de recursos de ficcionalização – apresentou escasso valor estético, inovando muito pouco na produção e na articulação texto verbal e texto visual (com exceções, como *Confinamento*, de Mauro Zoladz; *Dentro de casa*, de Bruna Lubambo; *Bibi fica esquisita*, de Vanessa Barbara e Ivo Minkovicius; *Uma página do mundo*, de Adriana Falcão e Jonathas Martins, e algumas outras). Efetivamente, grande número de obras pareceu sucumbir ao predomínio do teor informativo pedagógico, com a utilização, também, de algumas estratégias da literatura de autoajuda. Entretanto, é preciso estar alerta para a observação de Bajour (2023, p. 140) sobre livros informativos em geral.

Certos livros, entre os chamados informativos, utilizam estratégias próprias da ficção e do jogo, e em vários casos seus desenhos e gráficos são

experimentais e surpreendentes tanto ou mais do que alguns livros-álbum potentes. O cruzamento entre o literário e outros sistemas culturais não é novo, embora seja cada vez mais frequentemente objeto de experimentação multimídia que propicia pontes originais entre territórios da arte. Os limites tornam-se difusos e as classificações mais tradicionais são colocadas em questão.

Certamente é um desafio subverter a dicotomia - impregnada no nosso olhar - entre literário e não-literário. Mas este desafio não é maior do que o de sacudir algumas ideias arraigadas em nossa sociedade, como a de que “escrever para crianças é ensiná-las sobre um tema ou sobre atitudes corretas a serem tomadas” e, ainda mais, a ideia de que é necessário silenciar e escamotear as dimensões do adoecimento e morte na produção cultural para a infância, que deveria ser “protegida”. Nesse sentido, Díaz (2020), ao tratar dos chamados livros difíceis, perturbadores, livros que trabalham com as ‘sombras humanas’, nos permite uma reflexão poderosa:

Estes livros *per se* não têm a intenção explícita de irromper no mundo do leitor para inquietá-lo, não pretendem destruir sua tão questionada inocência, nem desejam abrir seus olhos para um mundo difícil que já conhecem e em que transitam; justamente os livros tornam possível absorver com filtros estéticos essa crueza, não porque o impacto que eles produzam seja mais suave, mas porque asseguram muitas maneiras de digerir nossa própria sombra.³

ROSA MARIA HESSEL SILVEIRA

Licenciada e Mestre em Letras (UFRGS) e doutora em Educação (UFRGS). Estágios de pós-doutoramento na Universidade de Lisboa e Universidade Autônoma de Barcelona. Professora titular aposentada da Faculdade de Educação da UFRGS. Atualmente é pesquisadora associada do NECCSO UFRGS.

CAMILA ALVES DE MELO

Licenciada em Pedagogia e Bacharela em Biblioteconomia. Especialista em Literatura Infantil e Juvenil e em Práticas Educativas em Bibliotecas Escolares. Mestre e Doutora em Educação. Professora do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás.

³ No original: “Estos libros *per se* no tienen la intención explícita de irrumpir en el mundo del lector para inquietarlo, no pretenden destruir su tan cuestionada inocencia, ni desean abrirle los ojos ante um mundo difícil que ya conocen y transitan, justamente los libros hacen posible absorber com filtros estéticos esa crueza, no porque el im-pacto que ellos generen sea más suave, sino porque aseguran muchas maneras de digerir nuestra propia sombra.”

REFERÊNCIAS

- BAJOUR, C. *Cartografia dos encontros: literatura, silêncio e mediação*. São Paulo: Solisluna Editora – Selo Emília, 2023.
- DIAZ, F. H. *Sombras, censuras y tabús en los libros infantiles*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2020.
- DIAZ, F. H. Variações sobre o tratamento dado ao tema morte na literatura infantil. *Revista latino-americana de literatura infantil e juvenil*, Bogotá, n. 4, p. 2-11, jul./dez. 1996.
- DOWKER, A. A Representação da Deficiência em Livros Infantis: séculos XIX e XX. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1053-1068, out./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/38156>. Acesso em: 4 mar. 2024.
- EVANS, J. *Challenging and controversial picturebooks: creative and critical responses to visual texts*. New York: Routledge, 2015.
- KIRCHOF, E.; SILVEIRA, R. M. H. O pato, a morte e a tulipa – leitura e discussão de um livro ilustrado desafiador com alunos de anos iniciais. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 57-76, nov./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/DGhvSqbTPYXxbwHpxrPVd4g/?format=pdf>. Acesso em: 4 mar. 2024.
- MENDES, T. L. F. A Morte dos Avós na Literatura Infantil: análise de três álbuns ilustrados. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1113-1127, out./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/38162>. Acesso em: 4 mar. 2024.
- MOREIRA, A. C. S. L. *O letramento literário e o tema da morte: contos de Ricardo Azevedo*. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação: Teoria e Prática de Ensino) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.
- MOURA, H. *O vírus bandido: linguagem e política na pandemia*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2023.
- PAIVA, A. A produção literária para crianças: a onipresença e ausência de temáticas. In: PAIVA, A.; SOARES, M. (org.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 35-52.
- SILVEIRA, R. M. H.; DALLA ZEN, M. I. Velhice e morte na literatura para crianças - apontamentos sobre o que e como se ensina a elas. In: PAES, M. H. R.; SILVEIRA,



R. M. H. (org.). *Contribuições para o trabalho e formação docente – temas contemporâneos e sala de aula*. Curitiba: Editora CRV, 2013. p.143-158.
SILVEIRA, R. M. H.; SILVEIRA, B. R. Doença e juventude na sick-lit. *Em Aberto*, Brasília, v. 32, n. 105, p. 107-120, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/download/4212/3664/>. Acesso em: 4 mar. 2024.

SONTAG, S. *Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Livros que compõem o corpus analítico

Nº	REFERÊNCIA
1	AMORIM, Susana; CORREIA, Miguel. <i>A minha mãe é médica e já tenho saudades dela</i> . Ilustrações de Beatriz Braga. [Portugal]: Ideias com História, 2020. <i>E-book</i> (30 p., il. color) (Coleção Tudo vai ficar bem). ISBN: 978-989-8937-14-8. Disponível em: https://www.coronakids.pt/livros . Acesso em: 14 out. 2021.
2	AMORIM, Susana; CORREIA, Miguel. <i>Quando minha escola abrir</i> . Ilustrações de Beatriz Braga. [Portugal]: Ideias com História, 2020. <i>E-book</i> (25 p., il. color) (Coleção Tudo vai ficar bem). ISBN: 978-989-8937-13-1. Disponível em: https://www.coronakids.pt/livros . Acesso em: 14 out. 2021.
3	AMORIM, Susana; CORREIA, Miguel; CORREIA, Marta. <i>A minha avó tem coronavírus</i> . Ilustrações de Beatriz Braga. [Portugal]: Ideias com História, 2020. <i>E-book</i> (21 p., il. color) (Coleção Tudo vai ficar bem). ISBN: 978-989-8937-12-14. Disponível em: https://www.coronakids.pt/livros . Acesso em: 14 out. 2021.
4	ARAÚJO, Tatyanny F. <i>Por que eu não posso ir lá fora?</i> [S. l.: s. n.], 2020. 31 p., il. color. Disponível em: https://tatyaraujo.rettore.com.br/?page_id=57 . Acesso em: 14 out. 2021.
5	BAPTISTA, Mônica Correia (org.). <i>Carta às meninas e aos meninos em tempos de Covid-19</i> . [S. l.]: Fórum Mineiro de Educação Infantil, 2020. Disponível em: http://www.mieib.org.br/wp-content/uploads/2020/04/FMEI_carta_final.pdf . Acesso em: 14 out. 2021.
6	BARBARA, Vanessa. <i>Bibi fica esquisita</i> . Ilustrações de Ivo Minkovicus. SP: Editora de Cultura, 2021.
7	BICA, Claudia Giuliano. <i>Coronabook</i> . Porto Alegre: Editora da UFCSPA, 2020. Disponível em: https://www.ufcspa.edu.br/vida-no-campus/editora-da-ufcspa/obras-publicadas . Acesso em: 14 out. 2021.
8	BICA, Cláudia Giuliano (org.). <i>Valentina na pandemia</i> . Porto Alegre: Editora da UFCSPA, 2020. 64 p.: il. Disponível em: https://www.ufcspa.edu.br/vida-no-campus/editora-da-ufcspa/obras-publicadas . Acesso em: 14 out. 2021. ISBN 978-65-87950-23-5
9	BUCHWEITZ, Donaldo. <i>O dia em que o mundo parou</i> . Ilustrações de Márcia Menezes. Ed. Ciranda Cultural, 2020.
10	CAMPOS, Daniel Cavalcanti. <i>O vírus malvado e as crianças poderosas</i> . [S. l.: s. n., 2020]. Disponível em: https://ondacultural.wixsite.com/livro . Acesso em: 14 out. 2021.
11	CANTO, Guadalupe del. <i>O escudo protetor contra o rei vírus: um conto para explicar às crianças o que está acontecendo</i> . [S. l.: s. n., entre 2020 e 2021].
12	CARDOSO, Leonardo Mendes. <i>Amanda no país do isolamento</i> . Ilustrações de Fabiana Salomão. SP: Editora do Brasil, 2021.
13	CASTRO, Liara de Oliveira. <i>O monstro invisível</i> . Ilustrações de Luara Almeida. BH, Editora Pomar de Ideias, 2020.
14	CAVALCANTE, Catarina Gomes Borges Rosa; BORGES, Elina. <i>Catarina e o coronavírus</i> . [S. l.: s. n., entre 2020 e 2021].
15	CONOVALOV, Anna et al. <i>Fora, coronavírus – pequenos escritores combatendo o vírus malvado</i> . São Paulo: Gregory, 2020.
16	CORREIA, Marta; CORREIA, Miguel. <i>Dias de uma família fechada em casa</i> . Ilustrações de Daniela Leal. [Portugal]: Ideias com História, 2020. (Coleção Tudo vai ficar bem). Disponível em: https://www.coronakids.pt/livros . Acesso em: 14 out. 2021.



17	DAL-COL, Patrícia. <i>Shen, Vidinho e o vírus</i> . Ilustrações de Clarice Goulart. Porto Alegre: PLUS; Simplíssimo, 2020. ISBN: 9788582458242
18	DELLAGIUSTINA, Ana Paula Garcia; BROERING, Camilla Volpato. <i>As máscaras dos sentimentos</i> . [S. l.: s. n.], 2020.
19	DIAS, Danilo. <i>O avanço do coronavírus</i> . Salvador: DNA-D Estúdio, 2020. ISBN: 978-65-00-09086-4
20	DRUMMOND, Regina. <i>O mundo pela janela</i> . Ilustrações de Thaís Linhares. São Paulo: Duna dueto, 2020. 16 p.
21	EAGLE, Magali Borges Gonçalves. <i>Beto e o monstro chamado Corona</i> . [S. l.: s. n.]: 2020. 25 p., il. color. (Série Monstro Corona Livro, n. 1). ISBN-13: 9781234567890
22	EVANGELISTA, Adriano. <i>As aventuras de Quarentino</i> . Ilustrações de Álisson Flor. Fortaleza: CENE Editora, 2020.
23	FALCÃO, Adriana. <i>Uma página do mundo</i> . Ilustrações de Jonathas Martins. São Paulo: Melhoramentos, 2021.
24	FERNANDES, Paula Emmanuella. <i>Xô, Coronavírus!</i> Ilustrações de Sergio Neres. Contagem, MG: Ed. do Autor, 2020. 16 p. ISBN: 978-65-86069-39-6
25	FOZ, Henrique. <i>A lagarta violeta</i> . Ilustrações de Paula Cortinovis. Santana da Parnaíba, SP: Bridge3, 2021.
26	GOMEZ, Ana M. <i>A história da ostra e da borboleta: o coronavírus e eu</i> . [S. l.: s. n.]: 2020. Disponível em: https://educacao.sorocaba.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/a-historia-da-ostra-e-da-borboleta-o-coronavirus-e-eu-ana-m-gomez.pdf . Acesso em: 14 out. 2021.
27	INTER-AGENCY STANDING COMMITTEE. <i>Meu herói é você: como as crianças podem combater a COVID-19!</i> [S. l.]: IASC, 2020.
28	IPPEN, Chandr Michiko Ghosh; BRYMER, Melissa. <i>Trinka e João no combate ao grande Vírus: Trinka, João e a comunidade trabalham juntos</i> . Ilustrações de Erich Ippen, Jr. [S. l.]: Piploproductions.com., 2020. 47 páginas.
29	LACERDA. <i>A esperança contra o Coronavírus – A menina do violino azul – parte 2</i> . [S. l.: s. n., entre 2020 e 2021].
30	LEITE, Pedro. <i>Sofia e Otto: Somos heróis – os cuidados para o Coronavírus ir embora</i> . [S. l.: s. n.]: 2020.
31	LUBAMBO, Bruna. <i>Dentro de casa</i> . 2. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2021. 2ª.
32	MELLO, Denise. <i>Ele não era meu amigo</i> . Rio de Janeiro: Autografia Editora, 2020.
33	MOLINA, Manuela. [COVIBOOK]. [S. l.: s. n., entre 2020 e 2021]. Disponível em: https://www.mindheart.co/descargables . Acesso em: 14 out. 2021.
34	NEVES, Haydée de Souza. <i>Ana Gota</i> . Ilustrações Dam D'Souza. São Paulo: Canguru, 2020.
35	NEVES, Haydée de Souza. <i>Alice e Ana Gota de volta às aulas</i> . Ilustrações Bia Nuit. São Paulo: Canguru, 2020.
36	PALMA, Clotilde Celorico; RAMOS, Rita Celorico Palma. <i>A Joaquina e o COVID-19: uma história de saúde pública para crianças</i> . [S. l.]: Ordem dos Contabilistas Certificados, 2020. Disponível em: https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/11407/1/Joaquina_COVIDc%20(1).pdf . Acesso em: 14 out. 2021.
37	PET CONEXÕES DE SABERES. <i>Corona, o quê?!</i> [S. l.: s. n.] 2020.
38	PIMENTEL, Carmen Garuzzi. <i>Alice no país da pandemia</i> . Ilustrações de Ed Júnior. Rio de Janeiro: Katzen Editora, 2020.
39	PINTANEL, Aline C. <i>Nosso final feliz</i> . [S. l.: s. n., entre 2020 e 2021].
40	RODRIGUES, Ana Cabral. <i>De uma janela à outra</i> . Ilustrações de Flávia de Sousa Araújo. Niterói: EDUFF, 2022.
41	ROQUE JÚNIOR, Antônio. <i>Xô, coronavírus</i> . Ilustrações de Mary Mos. Bauru, SP: Plante, 2020. ISBN: 978-65-86055-20-7
42	SANTOS, Dilvani Oliveira. <i>Corona - Esse vírus usa coroa, mas não é rei!</i> Ilustrações de Douglas dos Santos da Silva. 1. ed. São Paulo: Perse Editora, 2020. Disponível em: http://www.perse.com.br/ebook/N1595961187222/ebook.pdf . Acesso em: 14 out. 2021.
43	SERRA-NEGRA, Luísa Cheib. <i>A menina que engoliu o sorriso</i> . Ilustrações de Cristina Arruda. Organização de Júnia Maria Cheib Serra-Negra. [S. l.]: Museu Nacional da Poesia, 2020. 26 p. ISBN: 978-6500-07697-4.
44	SILVA, Francisca Soares Guedes e. <i>Os amiguinhos da sala 7 e a pandemia</i> . Ilustrações Bruna Hermínio. Rio de Janeiro: Telha, 2021.
45	SILVA, Girlane. <i>Um ano estranho</i> . Ilustrações de Hidaru Mei. Rio de Janeiro: Ases da Literatura, 2021.



46	SILVA, Patrícia Cavazzana da. <i>Vovó cadê você</i> . Ilustração de Carol MRMO. Rio de Janeiro: Ases da Literatura, 2022.
47	SOUSA, Maria Jesus. <i>Corona, o vírus</i> . Ilustrações de Maria Guerreiro. [S. l.: s. n., entre 2020 e 2021].
48	TRAMBAIOLLI NETO, Egídio. <i>Corona, o vírus que pega corona</i> . São Paulo: Uirapuru, 2020.
49	WAN-DICK, Bruno. <i>Abre a boca e feche os olhos</i> . Bauru, SP: Cia.Camarim, 2020.
50	ZOLADZ, Mauro. <i>Confinamento</i> . Ilustrações de Anna Sanfellippo e tradução de Aloma. Bonbini books, 2020.

Submetido em: 03/06/2024

Aceito em: 17/09/2024